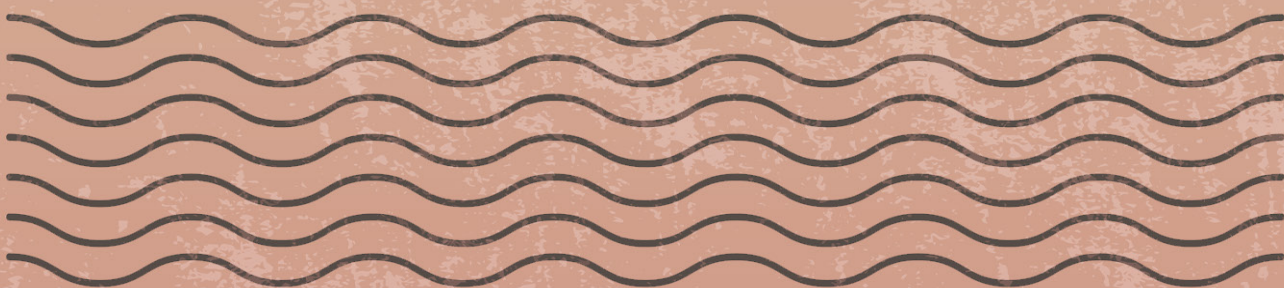
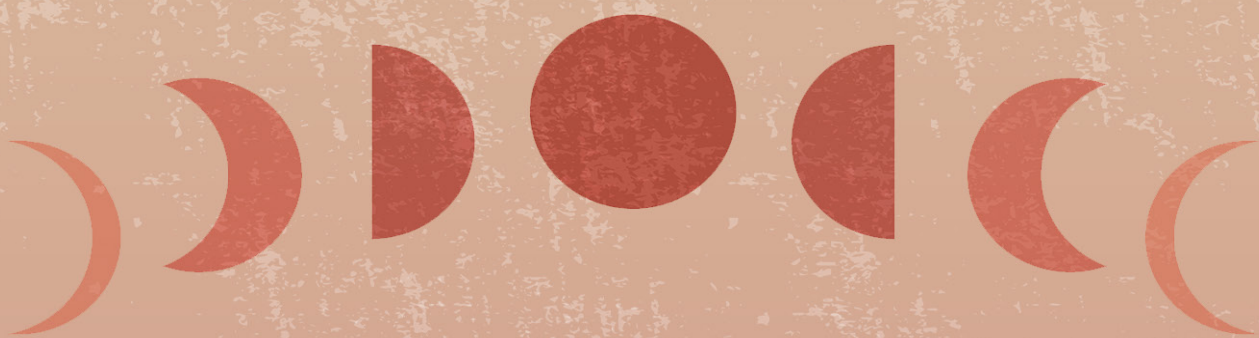


NATÁLIA PAGOT



Lunática



Instituto
Estadual
do Livro

Coleção (Di)Verse

Governador do Estado do Rio Grande do Sul

Eduardo Leite

Secretário de Estado da Cultura

André Kryszczun

Diretor do Instituto Estadual do Livro

Silvio Bento

Instituto Estadual do Livro

Rua André Puente, 318 – Porto Alegre (RS)

CEP 90035-150

iel.rs.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P139l Pagot, Natália.

Lunática / Natália Pagot. / [Recurso Eletrônico]
– Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2026.
86 p.

Recurso online (e-book) : il.

ISBN: 978-65-89863-40-3.

1. Poesia brasileira - Rio Grande do Sul. 2. Poesia.
I. Título.

CDD -869.1

Elaborada pela Bibliotecária: Mara Magda Soares CRB-10/2969

Lunática

NATÁLIA PAGOT



Instituto
Estadual
do Livro

PORTO ALEGRE, 2026

© 2026, Natália Pagot

Direitos reservados desta edição: Instituto Estadual do Livro

Conselho Editorial/IEL: Luís Dill, Ruben Castiglioni, Vera Teixeira Aguiar

Edição/IEL: Estevão Cogoy

Diagramação/IEL: Fellipi Dalavia

Curadoria da Coleção Diverse: Nanni Rios

Projeto Gráfico: Gabriele Oliveira

Capa: Gabriele Oliveira

Editoração: Yasmim Amador

Revisão: Rejane Guerreiro

Literatura e ponto

A iniciativa da Secretaria de Estado da Cultura (Sedac), por meio do Instituto Estadual do Livro (IEL), lançou a proposta de publicar uma coleção de autores da comunidade LGBTQIA+. Surge num momento oportuno, que rende uma boa reflexão antes que você possa avançar nestas páginas e conhecer a produção poética (sim, poesia numa hora dessas, quem diria!) desses jovens escritores que eu tive o prazer de acompanhar ao longo de suas trajetórias e convidar para compor esta coleção. E, se estou aqui gastando a sua atenção com esta apresentação, é porque os versos que seguem representam muito mais do que a trajetória artística de Agnes Mariá, Natália Pagot e Pedro Cassel. Representam o contexto em que estão sendo publicados, de oportunidade e reconhecimento do valor simbólico e estético de uma produção literária mais livre e diversa por parte das instituições públicas, que deveriam zelar desde sempre para que cidadãos diferentes tenham direitos iguais. Mas a gente sabe que a história não foi sempre assim.

Dei toda essa volta para dividir com vocês uma constatação que ainda me causa assombro: em outros contextos, anteriores àquele em que se insere essa brilhante iniciativa da Sedac por meio do IEL, esses livros não seriam publicados e esses autores e autoras seriam silenciados e teriam sua dignidade questionada, não estariam mais aptos ao convívio em sociedade, perderiam seus postos de trabalho, talvez fossem expulsos de casa, excomungados da Igreja, apartados do direito

à educação e à saúde pela discriminação insuportável sofrida nesses ambientes, talvez apanhassem na rua ou até morressem sem ter expressado e vivido seu desejo e seus afetos livremente. E mais do que isso: não teriam emprestado suas subjetividades à literatura para elaborar os poemas que formam cada livro desta coleção. Isso sem falar em outros atravessamentos identitários (cor da pele, etnia, classe social, endereço, educação formal etc.) que justificam tacitamente ainda hoje – numa sociedade patriarcal e racista, que conserva seus vultos coloniais em formol – quem pode e quem não pode escrever, fazer arte, publicar um livro. É verdade que temos vivido, nos últimos anos, um período de emergência de outras narrativas: autorias negras, de mulheres, indígenas, quilombolas, periféricas e LGBTQIA+ viraram plaquinhas comuns de sinalização e catalogação em livrarias e bibliotecas.

O mesmo aconteceu nas curadorias de eventos literários, nos júris de prêmios e até nas listas de premiados. E isso é ótimo, sem sombra de dúvidas. Mas, enquanto o status quo literário insistir em desenhar no chão a linha da diferença que delimita até onde podemos avançar sem macular certos espaços, ainda haverá muito para ser feito por uma literatura mais diversa. É importante lembrar, à guisa de apresentação, que, enquanto essas caixinhas existirem, a literatura de autoria heterossexual, branca e cisgênera seguirá sendo a norma. E o status de dissidência nunca nos dará pleno gozo de visibilidade e direitos. Da mesma forma que essas marcas identitárias citadas – hetero, branca e cis – parecem estranhas, pois não são mencionadas, uma vez que não definem esteticamente a literatura produzida por tais autores e autoras, a nossa sexualidade ou identidade de gênero não define

a estética da nossa produção literária: vocês verão que Agnes Mariá, Natália Pagot e Pedro Cassel têm suas próprias dicções, baseadas em suas vivências diversas, referências plurais e oportunidades díspares.

Celebramos, sim, com muito orgulho, a existência de uma coleção que dá visibilidade à produção literária de autores e autoras LGBTQIA+ no portfólio do Instituto Estadual do Livro do Rio Grande do Sul, com a consciência de que isso é só o começo de uma mudança mais profunda, para que um dia nossos escritos sejam lidos como literatura e ponto.

Nanni Rios

Curadora da coleção DIVERSE

Primavera de 2022

SUMÁRIO

Lua cheia, 9



Minguante, 26



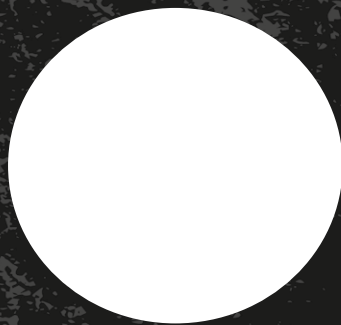
Lua nova, 49



Crescente, 68



Lua cheia





Sou asa

casa

lenha

Sou fênix

Faminta

Encaro o vento

Agradeço à Lua

Não temo!

Respeito a dona do céu

e alço voo



Ibirapitanga

É da pele preta que essa voz fala
em nome da negrura dos meus sentimentos
afirmo os acordos sórdidos
e falsos consentimentos
de quem teve seus direitos negados
suas terras roubadas
a cultura assassinada
E as vidas
as vidas são jogadas à mercê do tempo,
do descaso e da violência
Só que eles não contavam
com a nossa resistência

Eu, eu sou brasileira
do projeto de Brasil que deu certo
que miscigenou, clareou
ascendeu e consumiu

Essa é a pátria que nos pariu
onde grilagem, milícia e estupro
é tão comum
que nem gera tumulto

A juventude arrancada das ruas
3ª maior população carcerária
indígenas, quilombolas e ribeirinhos
arrancados pela especulação latifundiária

Das nossas raízes, querem arrancar todas
do nosso ventre à nossa alma.
Depois perguntam por que eu não estou calma

Eu sou filha dessa terra,
invadida por filhos da ignorância
que matam todos os dias nossas crianças
na bala perdida
na água poluída
na comida envenenada
na floresta devastada
nos matam
tiram o direito mais humano, de ser

Vistos como não humanos
temidos como meta-humanos
em empregos sub-humanos
assim se passam anos, gerações
é mesmo sistema colonial
só que agora com filtro do Instagram

A negrura dos sentimentos,
a mestiçagem da minha pele

e minha paixão por mate Guarani
me trouxeram até aqui

Sou filha da terra ibirapitanga
e quero rio pra beber e banhar
semente para colher e plantar
fogo para cozer e alumiar.

Sou filha da terra
e dela ninguém vai me tirar

Assim como a lua
Me ponho e me levanto
Em busca de novos sonhos
Novas fontes de viver.



Minha fala te incomoda?
Palavra, palavrinha ou palavrão
É puro preconceito linguístico
O que agride mesmo é a informação

Minha poesia fala de amor na maioria dos versos
não nego, mas confesso
sempre quis ver o mundo mudar

- “Não sabe o que diz!”

E tu fi? Sabe o que é ser uma mulher preta em busca
de ser feliz?

Olhar no fundo dos olhos daquele que te aborda e diz:

- “Tu trabalha aqui?”

Ver gente ruir
enquanto outros nos roem
ser jogada ao mar
com anzóis.

Preta, presa
linhas de tristeza
profundas águas
banhadas de sangue negreiro.

Não fico mais muda!
me chame de filha da puta
para ver quem eu vou parir

Realidade é a palavra que mais passa pela
minha mente
o que pra muitos nunca foi visto
no condomínio de luxo
rapidinho vira lixo.

Em tempos de frieza,
friamente posta
diante da sociedade
que para os corpos negros
viram as costas.

E sem tempo de poetizar
me vejo diluída
em meio à rotina repetida
trânsito, fila, textos, fila, trânsito
um suspiro,
para trocar a mão pelo pé
e fortalecer o meu eu
negra mulher!

Meu corpo é um templo
rituais sagrados
profanos desejos

Meu corpo é meu templo
com segredos a serem revelados
sagrados espaços
de pelos velados

Meu corpo é meu templo
tenho meu próprio tempo
demorei a ver
que ambos os sexos me contemplam

Meus olhos guiam como farol
meu corpo queima embaixo do lençol
eu sou um Deus
sagrada, profana
imaculada até o dia do sacrifício

Cruzes que cruzam
que atam meus desejos ao que foi estabelecido
tenho meu próprio tempo
me descubro em temperos
apimentei o olhar
busquei me enxergar



Gosto de gente
como a gente
que sangra, sua, mímica
gente que dá vida.

Tenho, em nosso laço, línguas
afiadas, navalhas
que cortam pescoços e preceitos
sou o que quero e o que tenho feito

Tenho meu próprio tempo
sou meu próprio templo
mulher sem nome nem preceito
sou uma bruxa, me respeita!



A roda da vida gira
A roda da pomba gira
Giro na roda da pomba
Rodo ao som da vida



Idalina saiu, silenciosamente
encheu a cama de travesseiros e abriu
a janela lentamente

Aos poucos todo seu negro corpo
estava na rua, cada vez mais próximo da lua.

Fechou a janela de forma tão manhosa, mandingueira
nem rangida foi ouvida.

A saia amarrada,
pelo telhado desce em escalada
a mulher gata

Negra noite, negra de açoite
Pés no chão, pôs-se a correr

Fujona, liberta
pelos becos e vielas
das malocas da favela.

Só ouvia o repique do tambor
sinos e agês
hora de louvar, de agradecer.
Por uma guerreira também ser.

Nessa babilônia dos Kits
defendendo a *Gotham City*
sombria
fique atento

Sente o peso
de ser preto
de ser preso
represa de gente

Deixam famílias ao relento
querem eu oca
refém
mas eu
eu

Ogunhê

Me faço presença
onda a se navegar
raio, sol, quente
e penetro na tua mente.





Se adonam da arte
querem fazer parte
quem late não morde
e eu tô pronta pro fight

No ringue ponho a rima
segura minha ginga
sente o balançado
balanço o cacheado
fato incontestável
segura esse fado
e todo nosso fardo
de ter os sonhos ensanguentados

Parece engraçado né não?!

Mas tô tentando manter meus pés no chão
para poder voar
sem perder minhas raízes
Djamila, Nilma Gomes, Paulo Freire
Tô lendo tudo sem freio
quero o topo, não isolada
vou ser junto das aliadas

Entender o que é Universidade
falar com uma negra intelectual
levar pra UFRGS minha ancestralidade
conquista nada banal.

São anos de estudo
Esse Programa de Pós-Graduação quero
deixar escuro
levar minhas ideias, questionar falsas certezas
um estudo sem frieza
ser quente, como água no fogão
na hora certa ferve
escrevo de forma leve

Digo e repito, Nilma Lino Gomes
em você me inspiro
Quem sabe virar uma Petronilha?
Mudar o Brasil com educação antirracista



educar e libertar
libertar e se amar
logo vou tá lá
defendendo a dissertação

Muitos falarão:
foi fácil!
mas não trilham o meu caminho

Falar de mim é tranquilo,
quero ver fazer o que eu fiz, sem perder o equilíbrio

Ser da rua, ser acadêmica
ser sua
sem nunca deixar de ser minha.

Bato de frente com o capitão do mato
e também com o senhor
não deixo que digam quem eu sou
para onde vou

Me coloco sabendo onde quero chegar
mulher preta, bissexual
educadora e poeta
pra ser feliz nunca precisei de aval

Me sacio com sua água
que me dá água na boca, no corpo todo
enfrento o preconceito
te beijo na rua, te beijo em casa
beijo você no alto da escada

Deixo o mundo inteiro saber
que no fogo em que eu fui forjada
filha de Ogum
não fujo da luta, nem da árdua jornada

Me ponho poeta
que muitos dizem ser profissão que não presta
coisa de vagabundo, sem profissão
Cada dia eu calo uma boca mostrando que sou
toda revolução
mulher preta, bissexual e arteira de profissão

Minguante



*abra a boca somente quando
não houver possibilidade de
se afogar...*

Palavras tsunamis
dos mares que moram em cima do estômago
Regidos pelos ciclos do coração lua
são capazes de subir tão rapidamente
Que dente nenhum fará diferença
na contenção das ondas, sonoras
que do peito derramam
o mar sentir.

É secular

Tudo instantâneo
tipo miojo
eu, crente na verdade
e você nem olha no meu olho

E quando olhou
não me viu
me subestimou
pra não ver que você tinha tantos erros quanto eu
Eu errei em te querer
tu errou em abusar do meu querer

E como querer não é poder
nunca te tive
tive só sonhos
ilusões

Você nunca foi real
real só a dor
a falta de amor
Próprio

Próprio de uma menina negra que não sabe o que é
Amor-próprio



Só sabe o que é propriedade
sempre privada
privada de soltar o cabelo,
privada de soltar o verbo,
privada para esfregar enquanto
o cabelo, o verbo e o peito
seguem presos.

Privada de soltar as correntes,
as algemas do último século.

É secular
amar sem ser amada é secular,
chorar e não poder cair as lágrimas é secular,
desmoronar e se manter forte é secular,
andar em círculos
na tentativa frustrada de esquecer quem amou

É Secular

E eu rodei, rodei, rodei

Sem olhar em frente

atravessei

Nevoeiro de amor sorrateiro

Amor capitão, amor engenho,

Amor negreiro, amor sinhá,

que prende, adocece, suga

amor que não liberta

Quantas princesas Isabel hei de amar?

Quantos capitães do mato falam de amor e
não correspondem nos atos?

Até encontrar a Firmina que mora em mim,
quanto há de ruir?

Até me deparar com a Sete Saias,
a Mulher-Homem,
a Camboatá

A que ponto minha dor há de chegar?

Chegará o dia
dia da alforria
dia de ter direito
como livre cidadã

Livre

Cidadã

Mulher negra

Livre

Cidadã

Que luta, que corre, que é livre

Para amar e ser sã.



Em cada verso mínguo um pouco mais
escamo mais um pouco

Sangue e útero
de quem escorre vida
de quem expele vida

Aqui dentro, um mundo inteiro



O ciclo da lua segue o seu percurso,
enquanto eu, admirada,
sinto-me em fragmentos,
como uma peça do quebra-cabeça.
Cada estrela tem lugar na escuridão,
eu, estrela sem lugar, resisto em brilhar.



Meu corpo negro afeta
meu corpo negro quer afeto
corpo negro afeta por querer afeto
que efeito tem um corpo negro de afeto?

Dó, nojo, medo?

Que efeito tem duas negras e um beijo?
nesse corpo da dor e do desejo
do pano de chão ou desemprego

Que afeto recebem nossos pequenos?
Corpo negro de afeto
corpo negro de poesia
corpo, poesia e água

Não nego
sangro a vida e a morte
me coloco onde não querem enxergar
no corpo negro de afeto

Mar denso em cólicas
o corpo afunda
imersa,
meu corpo derrama
corpo negro
afoga, transborda
enxurrada

corpo, água
negro, sangue
corpo negro de afeto.



a dor do osso
no couro
geme

Madrugada de cama vazia,
peito inflado
tanto sentimento batendo
nada muito claro.
mais um cigarro
grito dentro, fora calado

Solução estranha
mal sei que gosto tem
dor, desejo e pesadelos
O gosto amargo
de ser quem não sei

É como se eu fosse a lagarta
que entrou no casulo
sem saber que borboleta serei.

muito vazio pra pouco espaço
muito dizer pra pouco rebolado
tô vivendo cada dia.
sei que não estou na melhor fase
estou dentro do casulo,
querendo ser lagarta
e borboleta.

A única coisa que não quero
é ficar pra sempre nessa casca
obsoleta.



Meu silêncio
está no barulho
da pequena criança
que chorou sete meses seguidos

Da menina definida
pelas professoras
barulhenta demais
para tantas opiniões

Tenho buracos
preenchidos de ruídos
ruídos que temem o silêncio
assim como temem a palavra
/Qual é o sentido de haver tantos ruídos?/

O barulho não deixa o silêncio me contar nada
não esvazia a raiva do peito
não permite conhecer a serenidade

Há paz no silêncio?
Não há paz no barulho

O silêncio se perde em meio aos ruídos mentais
Você também tem medo do seu silêncio?
Do que ele tem a revelar?





O silêncio está no barulho
da poeta que fala palavrão
que gritou lesbianidades aos 23 anos
ruído de quem está aprendendo o poder das palavras
ruído de quem cultiva forças
para enfrentar o próprio silêncio.

Olhando pro escuro, vomito sentimentos
sensação conhecida, temer ser vencida.
Temer a velhice e a solidão
medo da bala perdida e do fuzil na mão
medo do racismo estático e do que está em ação.

Medo do escuro, medo da perda, medo do inseguro
de ser sua presa.
Da tempestade, do raio,
medo de falar a verdade
e por medo me calo.

Medo do tempo, do tapa, da nota ou do tombo
Medo de parto, de não aguentar o fardo
medo de gente fardada, da força armada

Temo a coca, o álcool, a bala e o agronegócio.
Medo da falta de água, de morrer afogada.
Medo de ser mal-amada.
Amar demais dá medo, assim como amar de menos.

É tanto medo que me sobra coragem
Coragem para amar, criar, me doar.
Para doer e depois renascer
Coragem para sentir medo e mesmo assim agir
e mesmo assim, com poemas, fazer alguém sorrir.

Cidades de asfalto
asfaltam emoções
nesse corre,
corro riscos
rabisco verdades

Não foge da morte
aproveita a viagem
irmãos baforam ilusões

Em poemas busco solução
sonhos em alusão
ao futuro,
sou fruta madura

De cachos em penca
despenco falsos profetas,

Professora preta
bruxa de boceta
planto sementes de revolução
alimento da alma
tenho rima, mas não tenho calma.

Não sou daqui
mas também não sou de lá
A que lugar pertenço?
Sigo a lógica do parentesco?
Pretexto cruel da miscigenação

O sangue é sujo
piolhos
pimpolhos
abrigo e famílias desmanteladas

Racismo
medo
vícios e metralhas

Solidão diária

Presságio de abismo
agarrada a expectativas
sendo quem
ninguém é

um ninguém de cor

Quem diria que
a pálida preta
alforriada



sem lugar

sendo o próprio lar

Hoje estaria na livraria.

Tempo do tempo

Venho do tempo
onde não há mais tempo
tudo acontece rápido demais
para os jovens argumentos

O que entendemos sobre o tempo?
Sobre quem somos e de onde viemos?

Sem enterrar umbigos
aterramos rios e riachos
sem medo do próprio descaso
descaso com si próprio

Vendemos terra grilada
bebemos água cagada
e achamos que nada
nada disso
afeta nossa rotina diária

Venho do tempo
onde não sobra tempo
faltam
quatro horas de trânsito, oito de trabalho



duas de almoço
que horas serei crítico e politizado?

Políticas e polícias
Polícias e milícias
Milícias e malícias
Malícia e....
Não associe à mandinga

Mandinga é a arte de correr com o tempo
fazer do tempo templo de aprender
tornar-se senhora do tempo
Sujeita que conseguiu se conhecer

No tempo em que não se respeitam
os senhores e seus reinos
onde Terra, Fogo e Água
são só elementos
não elementares

eu me desfaço
como ampulheta do tempo
me desdobro
e deixo em minhas letras
registro para a História.

Que lugar me cabe?

nem tão clara

nem escura

Quem na calada da noite me escuta?

escudos feitos de pele

sangue e suor

O vazio que sinto

sentimento de abismo

Quem sente o que eu sinto?

Até onde mentem esses olhos lindos?

Esse não lugar

sem lar

sem laços

só limbos pardos

Diáspora sem local de partida

lugares para eu me encontrar?

só esse coração partido.



Sorrisos sombrios

Sombras e sonhos
enroscados nos fios de cabelo

A menina que queria ser Deus
queria que Deus fosse só uma menina

Sombras de quem anda só,
de quem fala só

Sentimento de vazio
Onde cortam os fios?

Com navalhas afiadas
bocas contentes são forjadas

Sorrisos sombrios
daqueles que a violência cala.

Hoje completo 90 dias de isolamento
90 dias sem o abraço dos meus amigos
90 dias sem beijar minhas sobrinhas
90 dias sem unir as mãos e gritar
Ieeee camaradinha

Sinto o tempo passar entre os dedos
entre máscaras e álcool gel.
Sinto vidas se esvaindo entre os dedos

são jovens negros
com medo da morte
da fome
do vírus
e do fronte.

Minha mente não sabe pra onde ir
por mais que eu queira o presente
sentir o presente, vivê-lo
da forma mais ancestral
com direito a meditação
banhos de erva e boa alimentação
são os boletos, o aluguel e essa pressão
que assolam minha mente
confinada em 30 metros de paredes.

Os dias passando, as folhas caindo
março, abril...



saudades batendo, o peito se abrindo
junho, julho....
boletos chegando e o emprego se indo
agosto, setembro....
Tento lembrar o cheiro da rua
o vento na cara enquanto ando de bike
e nada disso eu lembro
mas falta pouco pra setembro

90 dias e esse misto
pressão sobre nossos corpos
dores esvaziadas em copos
me controlo
não posso ser mais um corpo negro alcoólico
eu oro
eu choro
mas não paro

90 dias e um poema de amparo



Suor
medo
ânsia
revolta
tudo que a lágrima não solta.

Açoita
o corpo noite
assola
a noite corpo

Noite e corpo
expressam
nossas rezas

benção, mãe Iemanjá!

Lua nova





É novidade o gosto do beijo
a pele macia aumenta o desejo

É novidade a cumplicidade
o toque que eu sinto arde
invade

É novidade o fogo que aquece
uma sensação que não se esquece

Entregue, vivo a navegar
no barco me regue
teu cais é meu encontro
misturo o gosto da saliva
com o teu gosto

Me acalma
tua língua, me derrama
em chamas, me clama

A tua cama me aquece
o teu corpo me estremece
eu nem preciso falar o que acontece.



Lua em Gêmeos

Gargalhadas em plena nudez
nudez no olhar
para que possa me desvendar
e sem falar
os olhos gritam
pensamentos secretos
nada faz sentido aqui
tudo faz sentido em mim
é essa lua em gêmeos
que faz eu ser partida ao meio
o querer e o não querer
o não sentir ciúmes e o se roer

Sonho acordada
parece miragem
a gente de mãos dadas
vendo o pôr do sol

No frio eu te aqueço
um romance preto
brilhamos mais que farol





No ouvido te sussurro
te acende no escuro
você puxa, eu empurro

É gingado, amor puro
com teu beijo, o banzo curo.



Corpos dispersos
sentimentos inversos
Jazz me fez refém no verso
minha mente além
Minha alma ginga
nesse som me refaço
no compasso da rainha NZinga

À meia luz
teu corpo me seduz
é olho no olho
boca no corpo
corpo na alma
é êxtase e calma



Amor negro
que surgiu no submundo
do subúrbio
embaixo do viaduto

Nasceu uma ponte
não só dois pontos
mas uma trajetória
de luta e de vitória.

Duas bocas carnudas
quatro coxas grossas
formando base firme
para a ponte afrontosa

Caminhos se criam
recriam
laços, ligações, vibrações
nosso sentimento nos reposicionou

A violinha chorou
as lágrimas do nosso amor
e fez mandingar nosso caminhar

Eram dois pontos submetidos
que subverteram as estatísticas
e surpreenderam o mundo





com seu mais sincero
desejo

de criar pontes
de amor verdadeiro.



Yin & Yang

Nesse processo de idas e partidas
conheci dois irmãos gêmeos
que opostamente
carregaram em meu ventre
ensinamentos.

O primeiro a me reconhecer foi
Desamor
saiu murcho, lacrimejando
em silêncio, do lodo foi brotando

Me fitou, suspirou e me deu um abraço
entre seus nebulosos braços
expus ao universo
as palavras do meu pequeno verso
inverso
meu corpo exclamava
ordem e desordem
loucura da minha sensatez
palavras nunca expressadas por medo
da invalidez



A luz do luar fui despida
de fé revestida
e assim encontrei o Amor
diferente do gêmeo
ele era calor
Veio com um canto materno
falando que nada é eterno

Os dois cresceram tão rápido
Amor plantava em todos os vasos da casa
e depois de plantar, brotar, florescer
acabavam os vasos
a extasia se ia
então Desamor
cuidadosamente escolhia
quem tomaria novos rumos
dando ao irmão espaço e mais húmus.

Um dia Desamor
havia rasgado todas as folhas de seu caderno
num tom pálido
nenhuma letra saltava
ele se mantinha fechado, inchado
de tanta coisa no peito estar entalado.

Amor, que observava a angústia do irmão,
colheu as mais belas folhas, para encadernar

Desamor sentiu, ao tocar nas folhas
já amareladas, o tempo a passar e o transformar.

Os dois gêmeos seguem dentro de mim
quando grito e quando me calo
perdida enquanto me encontro
questionando as minhas certezas
me enraizando em nuvens.

Ando em tempo de desamor
Desamor me ensina tanto quanto Amor
nessa busca constante
de viver a vida
sem perder o bom humor

Luz de emergência
senhor do Tempo
me dê paciência
Logo volto a ser abóbora
enquanto isso
te pego de costas
você por cima
a cama grita
sorte minha
azar da vizinha
amanheceu o dia
seguimos
em picardia

Dois beijos
uma gargalhada
eu cheirando sua nuca
você arrepiada

Fazendo piada
das nossas fantasias
e tão bela adormecia
depois de gozar mais um pouco
aquele encaixe de louco
com água na boca
eu respondia





Bom dia!

Queria isso

todo santo dia

acabou o tempo

pro último beijo não sobrou tempo

Quem sabe na próxima estadia?



Nosso carnaval é sem máscaras
Nossas fantasias nos dão asas
ela porta-bandeira
eu mestre-sala
sem cerimônia mas em sintonia



Deságua em tua pele
entrelaço os dedos
faço cafuné

Como a terra
tu me suga
com os olhos revela
os frutos desse
amor maré

Metade de mim é rima
a outra, pura poesia
e entre elas tu passando a língua
no maior Swing
aos poucos fui ficando nua
expondo nossos corpos à luz da lua.

No ringue nossa trama
tu Dina DI
eu negro drama
na cama
revelando que essa dama
vai do inferno ao inverno
decifrando tuas curvas
nosso fogo, fluxograma.

E nessa ginga escura
tua mão na minha nuca
eu toda acesa tu toda astuta
provando que nossos corpos
ficam sim
na posição do Kama Sutra.

Corro pro abraço
desse sentimento doido
que me tirou do compasso
eu toda hétero macho
me vejo agora



querendo arrancar tua calcinha
dizendo que é minha
mesmo que só por um dia.

Então, pretinha,
bora lá pra casa,
queimar um bom,
acordar as vizinhas
que não é todo dia
que se tem uma parceria
para rir e recitar umas poesias.



Tempestades caem em dias não marcados
Ninguém controla a chuva, as nuvens
e as ventas de uma fúria mulher.

Assobios gritam mudanças pelas frestas
Há raios dentro de mim
Ventanias navegam meu corpo
assim como sopram as ondas do mar.



Eram duas ventarolas
que voavam sobre o mar
uma era Iansã
outra era Iemanjá

em tempestade me fiz
sem pestanejar
ventanejei
relampejei
até exorcizar

as gotas de chuva encheram
as caixas d'água do Sertão
criando sorrisos
em faces
carrancadas de descaso

Eu não me calo
me faço trovão

denunciando a tristeza
a dor da população

me transformo em água salgada
levando todas as lágrimas
das mães
desafortunadas.



Das profundas chamas retorno
translúcida
lúcida a transbordar

Transparência que deixa verem o que guardo
e os segredos que devo revelar
nada além do que está lá.

A máscara do vidro
é sua fragilidade cortante

Não tente me manipular
fui feita no forje, fogo ruim de aturar

Química mística
de quem está sempre a se reciclar
para voltar a ser grão
encharcado de (a)mar.



Crescente





Amor é causado
cuidado
ousado

É eu do meu lado
eu do teu lado
tu do meu lado
a vida como aliado

Na mata a sabedoria
a magia do ser
Seguimos em transe
como a lua e o mar
vamos ter fé
calma
e saber amar.



Nano chips estão em toda parte
e nós deixando de ser humanos
para virar
uma parte
parte do parto
placenta
sustenta
faminto sistema
que engole nossas crenças
e faz do caminhar
luta
pura resistência
tentei a cura
perdi a paciência
fios enrolaram meu pensar
que vida dura
viver, sorrir e
não desistir de sonhar.

Preta, deixa eu te dizer
pode comemorar, você se formou
ganhou prêmios
realizou seu sonho de arte-educação.

Preta, deixa eu te dizer
aquele grande amor nem amor era
nessa nova era, outros desamores já vieram
e, como todos que conheceu, também se foram.

Preta, você é poeta
sempre foi
seu cabelo cresceu
o inverno vem e volta
cada ano mais escasso.

Preta, deixa eu te dizer
que todo aquele medo da cidade grande se foi
mas o medo da solidão não, nem tudo mudou
estamos em solitude
atitude de se amar em plena solidão.

Preta, as crianças estão enormes
tu já viajou sozinha, conheceu o Rio de Janeiro,
São Paulo e Uberlândia
já ficou e já vazou do próprio estupro
eu não te culpo, eu não me culpo

não tinha como imaginar que íamos viver isso
essa cicatriz não nos define.

Preta, descobrimos o amor
amor pelas nossas opiniões
pelas nossas posições e nossos desejos
hoje desejamos uma mulher linda
é, não era brincadeira nada daquilo, você gostava
sim de mulher
eu gosto de mulher, gostamos de uma cabocla,
linda, preta, mulher.

Preta, deixa eu te dizer
passamos por poucas e boas
abusos, choros e muitas alegrias
e aqui estamos
Vivas, negras, inseguras e radiantes
sedentas por vida.



Eu por inteira.
Meu interior exposto
Meu rosto a tapa
Nunca fui de fugir à luta
Sou eu
Pele negra
Preta capoeira
Angola poesia
Navegando nesse a'mar

Gravidez

Hoje descobri que estou grávida
gerarei o futuro
mas neste momento
estou gestando a Esperança

Como um grão de feijão
no algodão
ela brota dentro de mim.

Abro os olhos
estou no meio da tormenta
multidão de gente vendada
fardada de soldado mal-amado.

Dentro de um trem Japonês, ano 1984
cogito ser antigo esse fato
mas tão recente quanto 1964

Tão palpável quanto o chicote, a cana, o café
cheirando a eugenia
todos seguem a maré
maré de azar
fez meu trem estragar



Com essa danada no ventre
quente
como o abraço
um sorriso largo

Ela cresce dentro de mim
e na hora do parto vem de fato
desmama no ato
aventureira nato

Se lança cadente
espalha dignidade, coragem
a todos que delas estão carentes.

Por enquanto ela produz o leite
fortalece meu ventre
para que eu enfrente
e plante a semente
ainda há esperança, minha gente.

Sou lanceira negra, guerreira
De batalha a navalhas
das lágrimas e falhas
me revivo, me revejo

Filha do forje
Apadrinhada pelo vento

O vento minuano alerta
Que no sul tem preto.





Calor que aquece corpo e mente
de poemas me visto
sua visão racista mente
sigo guiada pelo instinto.

Levanta a saia, lá vem a maré

Maria do Camboatá
foi ensinada a se recatar
vestes simples
um balaio balançante
olhos cor da noite
sorriso deslumbrante

Sol era lentamente posto
ela, água no rosto
leveza no caminhar
pedra após pedra
tornozelos a reforçar.

Andava a negra Maria, com balaio de arroz na cabeça
Cambota como era, carinhosamente,
chamada pela negra, olhos cor de lágrima,
senhora sua mãe
vendia arroz do bom, arroz do Maranhão.

Dona Maria do Camboatá
ela chega na venda e começa a cantar:
‘que vende aê, que vende aê, é arroz do maranhão’



Fim da tarde, balaio vazio
um mistério ácido
em seu ventre, preenchia de arrepios...

Atrás daquela capoeira
seca d'água
havia outra *capoeira*

*'De longe parece um pedaço de pau
de perto era o seu berimbau'*
de todos os enredos feitos
para estar ali, livre,
fazia o melhor nó

Saia amarrada e berimbau
noite, samba, roda, sarau

Pela periferia
*'homem, menino ou mulher
Só não brinca quem não quer'*

Minhas lágrimas
são linhas
costurando dimensões
ações
somos revoluções
sempre mantive a coragem
então reze
não fuja ou se entregue

A realidade é relativa
valores
seja criativa
inteira, certa
mesmo que me arrependa
aprenda
Há sentires que causam dores
venci e vivi novos sabores

Vamos, Dolores
sem destino
faça seu próprio destino
ponha seu melhor vestido
fale do que está sentindo
é o passado se refletindo.

Déjà vu!



Num mundo onde todos são lagartas
poucos voam como borboletas.

Me via toda deforme, lenta, enrugada,
cansada de procurar folhas para me alimentar.
Disseram que eu poderia me esconder
dentro de um casulo.

Que lá ninguém me atingiria,
todos os dias seriam quentes;
A chuva não molharia meus pés,
nem esfriaria meu corpo.
Não precisaria me desgastar,
nem me entristecer.

A contrapartida seria a solidão.

Eu deveria aguentar a solidão
até ela se tornar minha amiga.
Até o silêncio virar canção.
O aperto diluir em conforto
e o tempo em feroz aliado.

Nesse lugar eu estava segura,
até deixar de estar.
Até não caber mais,
não precisar mais me esconder.



É o momento mais difícil,
e também o mais importante

Eu tenho a possibilidade de me libertar sozinha,
na solidão
Sem nenhum empurrão,
sem nenhum sopro.

Eu e meu abrigo. Eu e meu esconderijo
Eu e meu poder. Eu e minha coragem
Eu e meu rompimento, meu corte, minha ruptura

Quando sair, mal me reconhecerei,
Repleta de cores e movimento.

Logo me lançarei, livre, pelo ar
olhando para cada folha verde,
cada parte do caminho
cada pedaço de quem já fui

Agradecendo por tudo que fui,
que deixei de ser,
que serei e deixarei de ser.

Poderei voar viada pela minha própria jornada



Adeus, adeus, oh adeus ah!
vou me embora
com as ondas do mar
para um novo lar

Com um azul tão céu
que as nuvens só aparecem
para colorir
e o solo umidificar

Vou-me embora
com as ondas do mar
banhar-me da sabedoria de Odoyá

Cantar cantigas de roda
comer peixe na brasa
brisa do mar

Amanhecido o Sol
olhos de estrela
e num estalo

TRAAAAAAAAA

corpos estratificados,
estilhaços
estirados



Vou-me embora
com as ondas do mar
onde sangue é Axorô
sagrado
segredos antigos são respeitados

Onde terra é Ilê
Awá casa gente

*Vou-me embora
com as ondas do mar
adeus, adeus
ôh adeus ah!*

Diretamente da terra dos ninguém,
que nada são, ou nada têm
Reivindico o direito de ser
ser algo, alguém
que a nada é comparado
que de nada deriva.

Posso ser só eu?
sem ser exclusivamente o não você?
Posso ter o que é meu
sem ser resto de ninguém?
Qual é o papel do ninguém?
que não é nada, nem tem lugar no mundo
Cansei de nada ser
eu quero ser alguém
quero ser o não nada
não ninguém
quero ser o um
não o outro
muito menos o outro do outro

Quero ser só eu
um alguém, que algo busca, algo sonha
eu sou alguém
eu sou uma mulher preta
artista de rua e acadêmica.
eu sou alguém.



